

# MARÉ VIVA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANARIO

ANO II — N.º 48 — Preço 3\$50 — 9/6/77

DE SEMANA  
A SEMANA

## CAMÕES

No próximo dia 10, passa o centenário da morte de Luís de Camões. Cantor das glórias nacionais até ao apogeu dos descobrimentos, morrendo «com a pátria», como ele próprio declarou, Camões foi identificado durante muitos anos com aqueles valores que ele pôs em verso, mas que com ele morreram. A sua obra tem vindo a ser censurada pelas mais variadas e falaciosas maneiras, escamoteando-se os mais profundos valores humanos que ela contém.

Camões canta, e da melhor maneira, os feitos épicos dos portugueses, as façanhas dos heróis da nossa história. Mas o episódio do Velho do Restelo também é Lusíadas e traduz a sua tomada de posição, independente e crítica, sobre os feitos que vem cantando. Não se pode identificar o nosso épico, como ainda hoje se pretende, com valores ultrapassados que o humanista que ele foi censurou asperamente:

«Ó glória de mandar!  
ó vã cobiça

Desta vaidade a quem  
chamamos fama!

Ó fraudulento gosto, que se  
atija

Cua aura popular que  
honra se chama!»

A sua intenção de evidenciar a luta e a vitória do homem sobre os mitos e todas as formas de alienação é expressa em todo o poema pelo recurso ao maravilhoso pagão que traduz o «triunfo dos homens sobre os deuses», receosos estes, como se queixava Baco, de que aqueles «venham deuses a ser e nós humanos». Sobre esta significativa passagem do poema, o insuspeito Ernâni Cidade viria a afirmar: «Não conhecemos, na literatura do século XVI, outra página em verso assim expressiva da confiança do homem do Renascimento em si próprio, adquirida à custa das vitoriosas energias do pensamento e da acção».

Continua na página 5

## Kalidás Barreto ao «Maré Viva»:

### — Não há condições para uma segunda Central Sindical

Os problemas dos trabalhadores têm ocupado parte importante das páginas do «Maré Viva» e dado oportunidade a frequentes depoimentos directos. O Movimento Sindical e as questões que levanta são problemas que interessam a todos os trabalhadores. Não podíamos, por isso, deixar de aproveitar a presença em Espinho de Kalidás Barreto para o entrevistarmos.

Conhecido militante do Partido Socialista, dirigente sindical ligado ao sector têxtil e actual membro do Secretariado da C. G.T.P./Inter-sindical, Kalidás Barreto deslocou-se de Castanheira de Pera, onde reside, a Espinho, para participar num colóquio promovido pela Associação de Cultura Socialista-Fraternidade Operária, de que é membro fundador.

A entrevista que com ele tivemos incidiu, naturalmente, sobre o Movimento Sindical e a Fraternidade Operária.

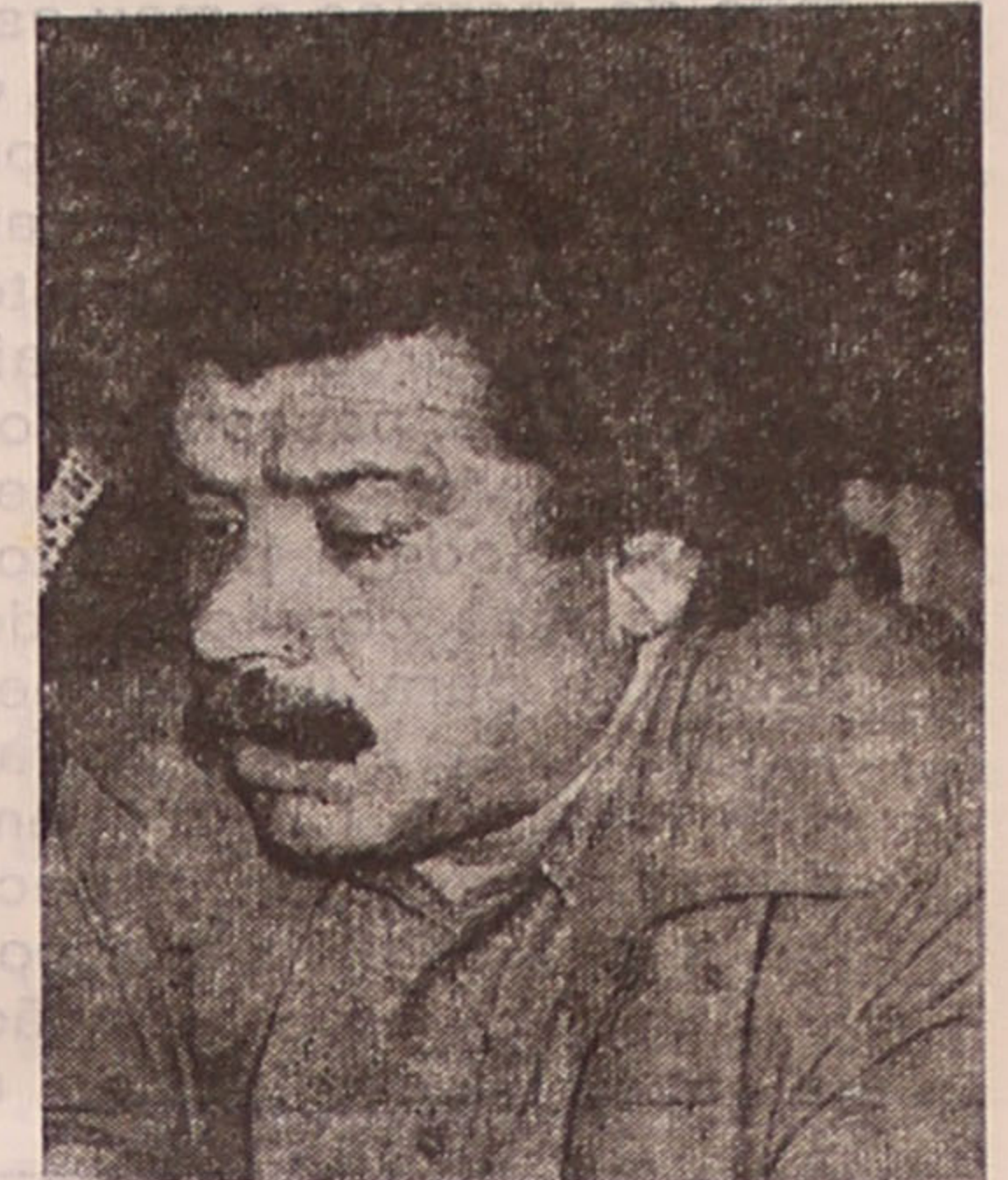
A extensão do diálogo obriga-nos a apresentar hoje apenas a parte referente ao Movimento Sindical, reservando-se a conclusão para o próximo número.

Começamos por auscultar Kalidás Barreto sobre a situação sindical no distrito de Aveiro:

Em relação ao distrito de Aveiro não estou informado em pormenor, mas sei pelo menos que os trabalhadores do distrito estão a sofrer coacções idênticas às que sofriam antes do 25 de Abril. Sei muito concretamente que há pelo menos numa empresa onde os trabalhadores são admitidos consoante a sua cor partidária e que nela não entram os trabalhadores que sejam socialistas ou comunistas.

São identificados e este processo tem o apoio do presidente da Junta de Freguesia. Ora isto são situações que desafiam a própria Constituição e é lamentável que as autoridades não vejam o que se está a passar.

Creio no entanto que o Movimento Sindical do distrito de Aveiro está coeso, contrariamente ao que muita gente pensa e a prova da unidade dos trabalhadores está



na grande manifestação do dia 26. A manifestação dos Metalúrgicos de Aveiro, segundo informações que tenho, foi a maior manifestação de sempre no distrito o que prova a determinação e a unidade dos trabalhadores no essencial.

M. V. — Quanto ao Movimento Sindical a nível nacional, tem havido bastante actividade. Quer-nos fazer o ponto da situação, agora que o Secretariado da C.G.T.P. já esteve em reuniões com o Governo?

K. B. — Quanto ao Movimento Sindical actual e aos contactos que a C.G.T.P. teve com o primeiro-ministro não sou optimista nem pessimista. Limite-me a analisar os factos concretos e reafirmo a necessidade de diálogo entre o Governo e a Central representativa dos trabalhadores.

Só quem for louco ou viver como a avestruz com a cabeça debaixo da areia, desconhece a existência da C.G.T.P., que é na verdade a grande força dos trabalhadores neste país. Era por isso necessário este diálogo, que nós já pedíamos desde Fevereiro e a que o sr. primeiro-ministro não tinha correspondido. Desconhecemos as razões. Sabemos que voltamos a insistir recentemente e, não sei se por coincidência, após a tão falada cimeira da direita, houve finalmente o diálogo com a Inter-sindical.

O primeiro encontro incidiu sobre aspectos genéricos, não se abordando especificamente quaisquer problemas. Falou-se do caderno reivindicativo dos sindicatos, fez-se um análise geral da política e só nos próximos encon-

## DIA MUNDIAL DA CRIANÇA



AS CRIANÇAS DÃO-SE AS MÃOS!

Assim foram as comemorações do 1 de Junho, em Espinho, promovidas pela Nascente e a Secção da Criança.

Continua na página 4



# Novo Edifício para o Ciclo Preparatório

## — Projecto já ultrapassado

Em contacto com o dr. João Alcides Sobral, membro da Comissão de Gestão da Escola Preparatória Sá Couto, soubemos algumas notícias referentes à construção de um futuro edifício já em projecto.

Assim foi-nos mostrada toda a precaridade e urgente necessidade de substituição das actuais instalações do Ciclo. Desde salas sem um mínimo de condições para se dar aula, falta de recreios e mau estado de todo o edifício, o que convida os pequenos alunos a não cuidarem das suas instalações e muito menos sentirem-se atraídos por elas, passando por águas pluviais que penetram por toda a parte, todas as más condições de ambiente para um estabelecimento de ensino se fazem notar no Ciclo. Além disso houve já um inspector que, visitando a escola, sugeriu a não aceitação de mais alunos devido à

superlotação do edifício.

Após esforços camarários, está em princípio o processo da aquisição de terrenos para construção de um novo edifício, depois de feito o levantamento topográfico. Entretanto soube-se na Câmara que o novo edifício possuirá 30 salas de aula, com capacidade logicamente para 60 turmas, em regime de desdobramento.

Esse número de turmas, sessenta, é precisamente o actual da Escola Preparatória. Com as habituais demoras de construção e com a explosão demográfica da população escolar a que temos assistido nos últimos anos, é lógico prever-se de imediato a insuficiência das futuras instalações ainda por contruir. E mesmo que o número de jovens estudantes não aumentasse, é lógico que as

exigências actuais de ensino não se compadeçam de uma total ocupação do edifício pelas salas de aulas propriamente ditas, sem divisões para actividades extra-escolares que cada vez mais necessárias se tornam. Assim com as 30 salas ocupadas durante todo o dia pelas aulas, onde colocar uma biblioteca, uma sala de convívio, etc. ?

Após ter tido conhecimento destes pormenores acerca do futuro edifício, a Comissão de Gestão da Escola Preparatória Sá Couto vai enviar para as autoridades centrais um ofício a fim de lembrar a necessidade premente de se planear os empates do capital com visões objectivas e em traços futuros a fim de que um edifício novo, apesar de ainda não construído não se veja ultrapassado «à priori».

## ENCONTRO DA JUVENTUDE TRABALHADORA

O Encontro Inter-concelhio da Juventude Trabalhadora do Distrito de Aveiro conhecerá o seu epílogo no próximo dia 12, na Piscina de Espinho, com a discussão por secções dos diversos temas (a Juventude e o Movimento Sindical, a Juventude na Empresa, a Juventude e os Tempos Livres, o Trabalhador-Estudiante) que decorrerá de manhã e ocupará parte da tarde. Prevê-se para cerca das 17 horas o encerramento dos trabalhos e votação das conclusões, a que se seguirá uma festa, aberta a todos os trabalhadores que nela desejem participar.

VISTA OS SEUS FILHOS  
NA

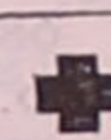
**BOUTIQUE MI**

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Talho e Charcutaria  
**CENTRAL**

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO



**farmácias**

**QUINTA** — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

**SEXTA** — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

**SABADO** — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

**DOMINGO** — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

**SEGUNDA** - Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

**TERÇA** — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

**QUARTA** - Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

## ACHADOS NA P. S. P.

Da Polícia de Segurança Pública de Espinho recebemos a seguinte relação de achados na via pública e noutros locais, que se encontram depositados naquela Polícia e à disposição de quem provar pertencer-lhe:

Vários pares de óculos, portachaves, importâncias em dinheiro e porta-moedas, uma bolsa preta em napa, um tampão de roda de automóvel, uma aliança em prata, um guarda-chuva de senhora, algumas chaves de automóvel, uma bolsa tiracol, uma saca com facas, cinzeiros, etc., um relógio de pulso para homem, alguns velocípedes simples, um casaco de fazenda para homem, um colar de fantasia, algumas bolas de borracha, um saco com vestuário, um capote de protecção, um pára-brisa para motorizada, um par de trouses e um disco L. P.



## NOTÍCIAS

### EXPOSIÇÃO E COLÓQUIOS SOBRE OVNILOGIA

Com organização da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Industrial e Comercial de Espinho e colaboração do C.E.A.F.I. de Espinho, (Centro de Estudos Astronómicos e Fenómenos Insólitos), realiza-se na E. I. C. E., no próximo dia 11, um ciclo de exposições e colóquios sobre Ovnis e Fenómenos Insólitos.

Do programa constam uma exposição permanente sobre Ovniologia (discos voadores e fenómenos insólitos) e dois colóquios: um às 15,30 horas, sobre Primishistória e outro, às 21,30 horas, sobre Ovniologia. A entrada é livre.

### MATRACAS APREENDIDAS

*Na sequência de uma série de incidentes relacionados com uma acção de despejo, um agente da PSP procedeu à apreensão de algumas matracas em tubos de ferro galvanizado, na posse de Fernando de Castro Oliveira, quando este se propunha agredir Joaquim Ferreira Dias, proprietário do prédio despejado. O assunto foi lavrado em auto e entregue ao tribunal.*

**MARÉ VIVA É INDISPENSÁVEL**

**maré viva**

SEMANARIO

Propriedade :

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :

Agostinho Chaves, Albertino Pinheiro, Ana Maria, António Letra, Augusto Mota, Fausto Neves, Joaquim Fidalgo, José Cruz, Manuel Loureiro, Morais Gaio e Victor Sousa

Colaboração especial :

António Santos, Alberto Barbosa, Carlos P. Morais, Carlos Pinhão e João Martins

Composição e impressão :

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRÁFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.  
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director :  
VICTOR SOUSA

Redacção :  
RUA 62 N.º 251 - 1.º  
TEL. 921621 — ESPINHO





## S. PEDRO

Dia 9, Quinta-feira  
«Duas Mulheres... Um Destino»  
Maiores de 18 anos

Um filme de «suspense» com Debbie Reynolds e Shelley Winters! Mais uma vulgaridade que alguns compram!

Dia 10, Sexta-feira  
«... E a Mulher Criou o Amante»  
Maiores de 18 anos

... E o realizador criou algo que constitui uma verdadeira confusão a querer puxar para o psicológico, para o profundo, para o complexo. Uma pessegada!

Dia 11, Sábado  
«Brigada Feminina»  
Maiores de 18 anos

Meia dúzia de bem torneadas donzelas peritas em «Kung-Fu». Ou um perigo de que você deve fugir. Nunca fiando!

Dia 12, Domingo  
«Mas Que Tropa...»  
Maiores de 13 anos

Os já tão gastos Franchi e Ingrassia em mais uma comédia alicerçada nos habituais recursos que nos fazem arrancar algumas gargalhadas, a muito custo. Ou como não fazer rir!

Dia 14, Terça-feira  
«Gata em Telhado de Zinco Quente»  
Maiores de 18 anos

A reposição da adaptação cinematográfica da obra de Tennessee Williams, interpretada por Elizabeth Taylor e Paul Newman. Uma boa interpretação, um filme bem conseguido, a merecer a sua presença.

## CASINO

Dia 9, Quinta-feira  
«Madre Joana dos Anjos»  
Maiores de 18 anos

Uma película que consegue ser uma verdadeira obra poética, tratando com extremo cuidado os problemas interiores, os conflitos dum grupo de freiras. Uma obra responsável do polaco Kawalerowicz que aconselhamos.

Dias 10, 11 e 12  
Sexta, Sábado e Domingo  
«Quo Vadis»  
Maiores de 13 anos

Um exemplo típico das super-produções americanas abordando temas pretensamente históricos. Os milhares de figurantes, as reconstituições, a grandiosidade. Um divertimento bem fabricado!

Dia 13, Segunda-feira  
«Slogan»  
Maiores de 13 anos

Pierre Grinblat ligado aos meios publicitários poderia parecer o indivíduo ideal para tratar esse tema, aproveitando uma história de amor. Contudo o filme não passa duma sensaboria, onde nem Jane Birkin e Serge Gainsbourg se salvam.

Dia 15, Quarta-feira  
«Excelsior, A Fúria do Karaté»  
Maiores de 13 anos

Ai está ele, o «Kung-Fu» a fazer render boas maquiagens enquanto os espectadores forem acorrendo. Até um dia...

## SEAT

1430 cc. de 1974, com 28 000 km. Ótimo estado. Vendo por 120 contos ou troco viatura menor valor como Fiat 126, 850 ou 600. Inf.: Adolfo Duarte, topo da Rua 16 (junto ao cemitério de Espinho).

## Pelo Desarmamento, Pela Paz

Continuação da página 8

de crise geral da economia capitalista, serve ainda os designios dos círculos capitalistas interessados em retirar chorudos lucros da produção de armamento.

Os países socialistas têm também defendido que, no mínimo, as forças militares dos países interessados nas negociações não deveriam ser aumentadas enquanto estas estiverem a decorrer.

Mas nem este compromisso foi aceite pelos países ocidentais.

Todas estas dificuldades postas à aceitação de compromissos e propostas construtivas reflectem a influência dos inimigos do desarmamento entre os países membros da Nato e contrariam os interesses básicos dos povos desses países a viverem em paz e segurança.

António Santos



## S. Félix da Marinha

### Comemorações do 30.º Aniversário do C. F. S. Félix da Marinha

Estão a decorrer, com justificada alegria, as comemorações do 30.º aniversário do popular Clube de Futebol de S. Félix da Marinha. O programa iniciou-se oficialmente no passado dia 27 de Maio e integrou já, no dia 6, uma palestra com a presença do treinador Pedroto, jornalista Nuno Brás e o jogador Rui. As comemorações prosseguem no próximo dia 9 com a realização de dois encontros de futebol: às 15 horas, entre as «Velhas-Guardas» do S. Félix e do S. C. Espinho e, às 17 horas, entre as equipas principais do S. Félix e do Canidelo, campeão Regional da II Divisão da A. F. Porto. No dia 10, à tarde, haverá provas de atletismo para atletas filiados e não filiados, no dia 18 um Festival de Variedades no Parque de Jogos do S. Félix, na manhã do dia 19 uma prova de pesca desportiva e à tarde uma exibição de ranchos para angariação de fundos para o Salão do Parque de jogos.

O futebol voltará no dia 25, com mais dois encontros, às mesmas horas, que oporão as do S. Félix fora de acti-atletas do S. Félix fora de actividade e as equipas do G. D. Vinhos Borges e G.D. Vinhos Calem. No dia seguinte haverá ainda provas de atletismo infantil, à tarde, encerrando-se o programa de comemorações no dia 27, à noite, no Salão da Junta, que

## ANTA

### Caminhos podem arrancar

Parecem estar finalmente criadas as condições para que se arranque brevemente com o arranjo e alargamento de vários caminhos da freguesia de Anta, dando-se assim cumprimento ao que foi decidido pela última Assembleia de Freguesia ordinária, reunida em 5 de Março último.

Recordem-se as decisões tomadas nesta Assembleia relativamente a este assunto:

— Arranjo do caminho da Carreira Nova, lugar da Guimbra, para o qual se conta, entre outras verbas, com a promessa de comparticipação dos moradores;

— Arranjo do caminho da Estrada da Idanha à Tabuaça, passando pelo Fojo, para o qual os moradores se propõem contribuir com cinquenta mil escudos, para além da sua colaboração;

— Arranjo do caminho da Guimbra ao Carvalhal, incluindo os acessos a uma fábrica ali situada, que esta deverá custear;

— Ligação e arranjo da estrada de Esmojões a S. Paio de Oleiros, o que implica contactos com a Junta desta última freguesia, para uma eventual colaboração;

— Arranjo do caminho dos Alto Céus-Gaiteira.

Todos estes arranjos deverão ser feitos a curto prazo, com prioridade sobre os restantes.

Recorde-se ainda que a Assembleia de Freguesia aprovou também o estabelecimento de contactos com a Câmara de Espinho, para o revestimento dos caminhos do Monte Lírio e Mocho, que se encontram intransitáveis, bem como para o melhoramento de outras estradas e caminhos a médio prazo.

contará com a presença de elementos do Conselho Disciplinar da Associação de Futebol do Porto.

# Pá velha

Confeitaria  
Charcutaria

Especializada em caladinhos - raivinhas - fogaças

FABRICO DIÁRIO

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO



FÁBRICA DA BRASILEIRA

## Ramiro de Sá Couto, L.ª

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros



# KALIDÁS BARRETO

Continuação da página 1

tros, já acordados, o diálogo continuará com o tratamento dum problema específico: o da Contratação Colectiva.

Como sabem a Contratação Colectiva está congelada e embora o Governo continue a afirmar que não, porque oficialmente não há qualquer decreto nesse sentido, a verdade é que na prática isso sucede. Veja-se o que está a acontecer com os têxteis, que desde Agosto estão à espera do novo contrato.

O bom senso e o equilíbrio com que os têxteis têm prosseguido a sua luta são evidentes, pois têm abdicado de formas de luta mais radicais, perfeitamente ao seu alcance. É uma classe com 300.000 trabalhadores, com tradições de luta e de unidade bastante grandes, mas que não quiseram usar esses meios, apesar do Governo se furtar ao diálogo e de o Ministério do Trabalho continuar a ceder ao

que se hoje vemos o patronato mais à vontade do que no tempo do anterior ministério, isso não corresponde fundamentalmente à vontade do ministro, mas sobretudo ao desenrolar do processo. Sabemos que dia a dia as pressões internas e externas são cada vez maiores e isso vem influenciar a actuação do ministério.

**M. V. — O que pensa Kalidás Barreto e o Secretariado da C. G. T. P. sobre as tentativas de criação de uma segunda central sindical ?**

**K. B. —** Não acredito que haja condições para a criação duma segunda central sindical. Se há quem diga que não se criam centrais sindicais sem sindicatos, ainda mais impossível é criarem-se sindicatos sem trabalhadores. Por outro lado, parecem-me absolutamente utópicos projectos que vejo para aí de criação de «centrais democráticas» e de «sindicatos

## «O 1.º DE MAIO FOI A GRANDE RESPOSTA DE CLASSE DOS TRABALHADORES»

patronato. E estamos neste momento numa posição um tanto ou quanto crítica.

Achamos que o diálogo não está esgotado, mas o Ministério do Trabalho continua a querer empurrar os trabalhadores para uma Portaria de Regulamentação de Trabalho.

**M. V. — Voltando aos encontros da C. G. T. P. com o Governo, acha que o 1.º de Maio terá influído da mudança de atitude do Governo ?**

**K. B. —** Acho que sim, não só em relação ao Governo, mas em relação a todas as forças políticas do País. O 1.º de Maio foi na verdade a grande resposta de classe dos trabalhadores. Foi dizer claramente ao Governo que os trabalhadores não admitem que o Governo continue a governar dessa forma que de maneira nenhuma agrada aos trabalhadores e que pelo contrário está cada vez a agradar mais ao patronato. Essa foi a grande resposta, uma manifestação de força, vontade, unidade, pois naquele 1.º de Maio a grande maioria dos trabalhadores esteve de facto na rua a manifestar-se.

**M. V. — Pegando na sua referência ao Ministério do Trabalho, o anterior ministro havia tomado decisões que em nada abonam a favor do papel que deve ter na defesa dos interesses dos trabalhadores. Por exemplo, na Cotesi, o ministro Marcelo Curto actuou de modo a abrir caminho ao despedimento de 60 trabalhadores. Entretanto houve mudança de ministro, correspondendo aparentemente a maiores exigências da direita, que não estaria ainda satisfeita. Acha que o anterior ministro poderia, apesar de tudo fazer virar os acontecimentos numa direcção mais favorável aos trabalhadores ?**

**K. B. —** Não quero fazer comparações personalistas. Entendo que os ministros e os governos são no fundo o que a sua vontade política determina e também a força que têm para não se deixarem subjugar por pressões a que estejam sujeitos. Naturalmente

democráticos». Já tenho dito diversas vezes que não me parece que exista qualquer repartição que passe certificados de democracia a quem quer que seja. Por isso não vejo que se possa dividir os trabalhadores em «democratas» para um lado e «não democratas» para o outro. E se a Constituição consagra a liberdade sindical, como se poderia impedir, por exemplo, que um trabalhador «não democrata» se inscrevesse num «sindicato democrático» ?

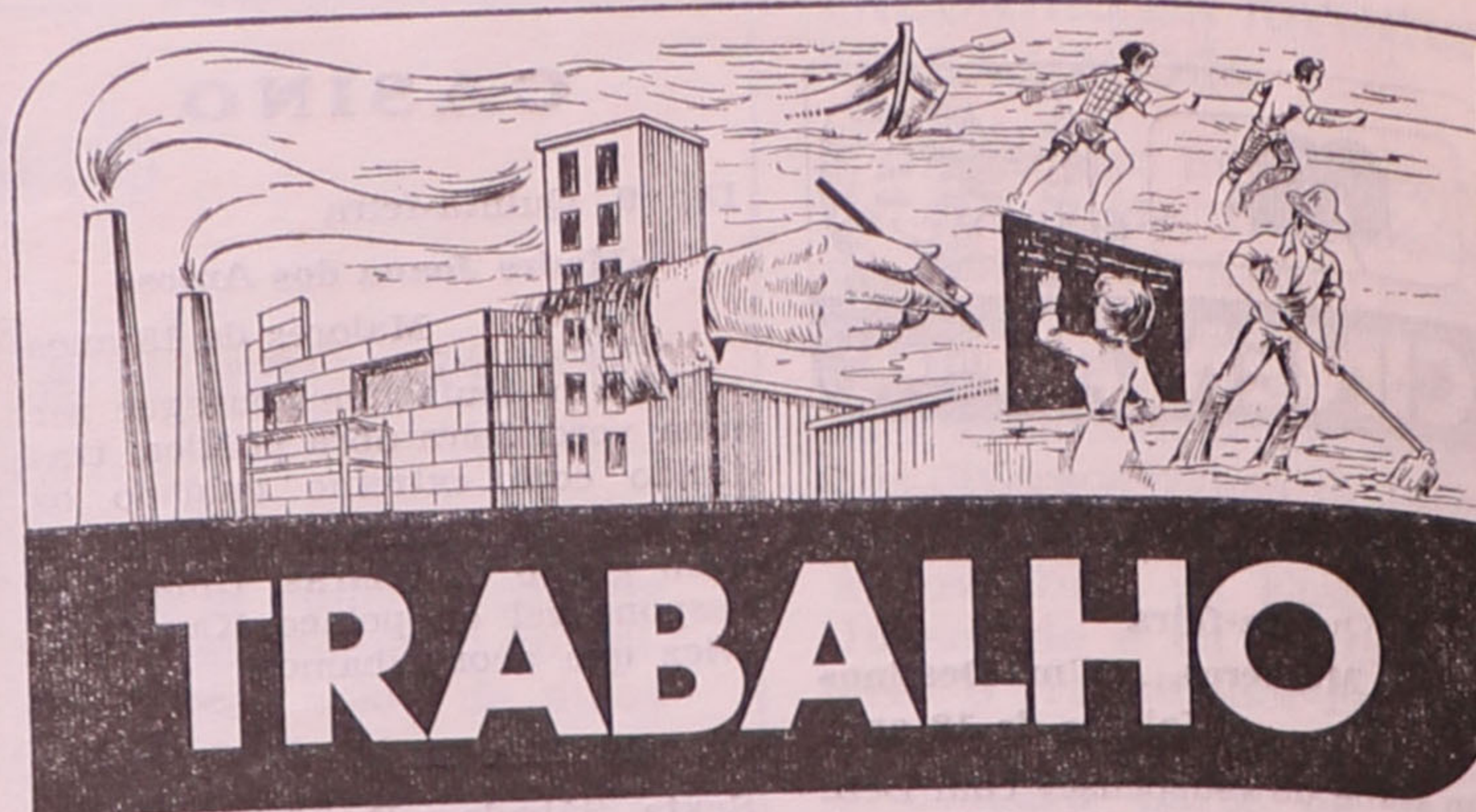
Sabemos também das pressões do capitalismo para a criação duma nova central sindical, à boa maneira do que se fez em França. Mas não acredito que o façam, pelo menos por agora, pois eles sabem que a sua aplicação de dinheiro com esse objectivo iria criar conflitos, tensões sociais nas empresas e isso não criaria a tal «paz social», tão necessária aos investimentos e à aplicação dos capitais privados.

**M. V. — Conhecemos as posições firmes da C. G. T. P. no que se refere à unidade do Movimento Sindical e à oposição ao avanço da direita. Para além destas grandes linhas, quais são os pontos do caderno reivindicativo dos trabalhadores a que a C. G. T. P. dá prioridade ?**

**K. B. —** É a luta contra o desemprego o ponto que fundamentalmente nos preocupa. Também, como já referi, a Contratação Colectiva e dentro dela o

## «NÃO SE PODEM DIVIDIR OS TRABALHADORES EM DEMOCRATAS E NÃO-DEMOCRATAS»

celebérrimo decreto 49 A/77, o tal dos 15%. É por aqui que vamos pegar para continuarmos na defesa do caderno reivindicativo, aprovado no Congresso dos Sindicatos, e que não é utópico como alguns pretendem. Preocupa-nos também o aumento do custo de vida, que tem vindo a fazer descer perigosamente o poder de compra dos trabalhadores. A nossa atenção virá-se, enfim, sobretudo para as palavras de ordem que sensibiliza-



# TRABALHO

## Paralização na OLIVA

### Trabalhadores lutam pela defesa dos seus direitos

A «OLIVA» é uma empresa de S. João da Madeira onde trabalham 2.400 trabalhadores. Fundada há cerca de 50 anos, desempenhou papel importante na indústria nacional, dedicando-se particularmente ao fabrico de máquinas de costura até 1969, altura em que caiu nas garras da multinacional I. T. T. (a mesma que contribuiu amplamente, através da sua acção, para a queda do Governo de Unidade Popular no Chile, e a subida ao poder de Pinochet).

A partir da sua aquisição pela I. T. T., multinacional que, como todas, mais não procura do que a exploração de mão de obra barata, assiste-se à transformação da Oliva, que passa a dedicar-se preponderantemente à confecção de componentes de torneiras, na dependência da GROHE, empresa da Alemanha Federal.

Com o 25 de Abril, a I. T. T. pôs imediatamente em prática as suas maquiavélicas artes de sabotagem económica, procurando pouco depois despedir 500 trabalhadores e cortando as encomendas, até que em Agosto de 1975 se desinteressou pela gestão da empresa. Assiste-se então a um esforço tenaz dos trabalhadores no sentido de salvarem a empresa e os seus postos de trabalho, conseguindo o saneamento económico da mesma, mas debatendo-se, no entanto, com grandes dificuldades de ordem financeira, dada a apatia do Governo, o que dificulta a aquisição de matérias primas imprescindíveis à sua laboração.

Entretanto, os trabalhadores que já por várias vezes propuseram soluções ao Governo, e até porque as dívidas à Banca Nacionalizada são o triplo do capital, recusam a entrega da empresa pura e simples à I. T. T., exigindo a salvaguarda dos interesses dos trabalhadores e da economia nacional, tanto mais que a mesma é perfeitamente viável.

Lutando para recuperar a empresa e exigindo garantias salariais, uma vez que ainda não lhe foi pago o 13.º mês, tem um mês de salários em atraso e lhe foi comunicado que provavelmente não receberiam as férias e o respectivo subsídio, o que significaria entrarem de férias com quatro meses de vencimentos em falta, os trabalhadores paralisaram no passado dia 31 de Maio. Em plenário realizado nas instalações da empresa foi aprovada uma proposta exigindo ao Governo uma solução conveniente para resolução dos problemas.

ram os trabalhadores que vieram ao 1.º de Maio.

Esta orientação da nossa luta não impede que continuemos dispostos ao diálogo com as outras forças em presença, a quem queremos fazer compreender que estão a trilhar caminhos que não conduzem a parte alguma que interesse aos trabalhadores.

**M. V. — Que se passa quanto**

balhadores é uma coisa, mas levá-los à fome é coisa que de forma nenhuma podemos aceitar. Veja-se por exemplo o que seria o decreto dos 15% aplicado na indústria têxtil, onde o salário médio dos trabalhadores ronda os 4.500\$00.

**M. V. — Sabemos que apresentou um documento sobre a orientação sindical ao Partido Socialista que não chegou a ser discutido. Contendo esse documento a sua perspectiva sindical, quais são as linhas que nele são apontadas ?**

**K. B. —** Fundamentalmente considero que a discussão do Movimento Sindical se faz dentro e não fora dele. Aponto uma via clara: a defesa da coerência do maior encontro de dirigentes sindicais do P. S., em Aveiro, em Janeiro de 76, onde ficou definido que não haveria alianças partidárias. Advogo a aliança, não a nível de partidos, mas a nível de pessoas, pessoas com prestígio no meio sindical, que se entendam numa plataforma, independentemente dos partidos. Estas listas unitá-

ao decreto dos 15% ?

**K. B. —** Sabemos que o Governo o quer aplicar, mesmo tendo conhecimento de que os principais Contratos Colectivos estão em negociações, apontando para uma baixa do seu poder de compra, o que mostra elevada consciência dos trabalhadores. Poder-se-á facilmente verificar que o aumento do custo de vida é muito superior àquilo que os trabalhadores pedem. Baixar o poder de compra dos tra-



# RASCUNHOS

Uma mão que, manobrando uma esferográfica, tenta desenhar algumas letras. A pena cai, porque a mão desistiu. A câmara eleva-se e surge uma cabeça embrulhada em ligaduras, reclinada sobre uma travesseira de leito hospitalar, deixando à vista apenas a face esquerda. A cabeça move-se e lentamente surge-nos a face direita. Com uma cicatriz enorme, da orelha à boca. Feia, assustadora. E o comentário. «Ele não usava capacete de protecção!». Chocante, sem dúvida, mas indubitavelmente eficaz esta abanadela televisiva da Prevenção Rodoviária.

Outro «flash» da mesma origem e com os mesmos fins educativos traz-nos a imagem menos pesada do catraio que conduz um imponente «bólide» de caixote de sabão e que, na sua «vertiginosa» corrida, nos diz: «Comigo o miúdo vem sempre atrás».

Toda esta contagiante propaganda das cautelas a tomar no trânsito de estradas e ruas entra-nos em casa beneficentemente. Mas nenhuma outra ideia mais se terá integrado, até agora, na generalidade das pessoas do que aquela do motorista de um monstruoso camião que nos explica como usar o pisca-pisca para

dar segurança aos condutores. O seu texto anda na boca de toda agente. E o oportunismo luso já dele tirou proveito para uma boa piada, que anda agora a circular pelas vias escolares e que não resisto a transcrever:

*«Quando o de trás quer copiar e o da frente vê que o professor está a ver, o Zé levanta o braço esquerdo. É de aguentar!»*

*Quando o Zé vê que o professor está distraído, levanta o braço da direita. É de copiar!»*

*Mas isto é fácil. Venham daí, que eu explico.*

*Estamos num «ponto» e o de trás deu-me um pontapé. Olha, este quer copiar. Mas eu daqui vejo que o professor está a olhar. Braço da esquerda. Aguenta!»*

*Agora sim. O professor está distraído. Braço da direita. Pode copiar. Mas copia à vontade, com segurança. Isto de andar na escola terá que se lhe diga. Quanto mais deixarmos copiar os outros, mais copiamos nós.*

*Vão por mim!»*

Quer levada a rir quer levada a sério, a publicidade é mesmo aquela máquina...

Carlos P. Morais

## Kalidás Barreto

Continuação da página 4

### «A CGTP CONTINUA DISPOSTA AO DIÁLOGO»

rias têm-se multiplicado, e vejo com certo orgulho a criação dum lista para o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, em que tive alguma influência e que creio poder vir a vencer as eleições.

Aponto também para o direito de tendência, para a verticalização, para o controlo operário e para as assembleias desdobradas. Quanto a este último aspecto, considero que é na assembleia que reside o poder soberano do sindicato, e não no referendo, pois é lá que pode e deve haver discus-

são aberta. Mas como as grandes assembleias são menos eficientes, a alternativa estará no desdobramento de assembleias por zonas de grandes concentrações de trabalhadores.

Quanto às verticalizações não se farão no papel, nem nos gabinetes ministeriais, mas com luta muito dura e com a sensibilização dos trabalhadores para isso. É uma preocupação de consciência de qualquer dirigente sindical não fazer avançar o processo contra a vontade dos próprios trabalhadores.

## CAMÕES

Continuação da página 1

É o episódio da Ilha dos Amores, tantas vezes retirado das edições de *Os Lusíadas*, talvez não tanto pelas cenas de amor pagão ali descritas, mas mais porque ele significa a merecida e alcançada recompensa do esforço do homem que luta, que se empenha, que porfia até dominar a natureza e os mitos, representa o triunfo do espírito

renascentista e humanista de que Camões é o nosso mais lídimo representante.

É este espírito, patente em toda a sua imensa obra, esta confiança na capacidade do homem para mudar o seu destino e vencer os mitos, que nos cumpre e desejamos evidenciar neste DIA DE CAMÕES.

# COMUNICADO

## da ex-Secção Cultural da A. A. E.

No dia 26-5-77 uma Assembleia Geral invulgarmente concorrida e onde voltaram a aparecer velhas pessoas que os tempos tinham obrigado a fechar-se em casa, decidiu, sem grandes preconceitos, acabar com a actividade (Teatro, Coro, Fantoques, Trabalho com Crianças dos elementos actuais da Secção Cultural.

Já na última A. G., com a dezena tradicional de sócios, fora deliberado proibir esta secção de utilizar qualquer designação que não fosse a de Secção Cultural da A.A.E. (impedindo, portanto, o grupo de Teatro de usar a sigla «Teatro Popular de Espinho — Secção Cultural da AAE»). As razões invocadas, por si mesmas significativas, fazem jus a tal decisão. São elas:

- 1) **Aparecimento no programa da TV, Fila T, de um cartaz só com a sigla «Teatro Popular de Espinho», o que é falso;**
- 2) **Prática de dinamização cultural no Norte** (referência a uma deslocação do grupo com uma peça de Cervantes à zona de Montalegre, em colaboração com a Casa de Cultura da Vila) sobre a qual se dispensa comentários entre gente a quem a palavra «cultura» não faça correr de medo;
- 3) **Enviar ofícios de apoio a trabalhadores...** de espectáculo, acrescentámos nós, aquando da luta do teatro independente, criticando assim algumas decisões de organismos estatais, o que a A. A. E. já fez inúmeras vezes. A forma tendenciosa como este assunto foi levantado é por demais evidente das intenções do proponente, actual presidente da Mesa da Assembleia Geral.

A análise desta decisão, ponto 3 da Ordem de Trabalhos, e a polémica nascida da acusação (ainda do citado proponente) de implicações político-partidárias da Secção Cultural em Montalegre, baseada em documentos secretos oficiais (? ?), viriam a revelar-se incomodativas passado pouco tempo, seguindo-se-lhe uma chusma de «bocas» despropositadas e sem fundamento, que se arrastaram por largo tempo, apesar de diversas tentativas para retomar o problema em termos correctos.

A certa altura, hélas!...: a mesa fecha as inscrições; o último orador (actual presidente da Direcção) retoma a acusação de actividades político-partidárias; aparece uma proposta, curiosamente já escrita à máquina, exigindo a extinção da Secção Cultural actual; baseando-se no último ponto da proposta que requeria prioridade na votação, a Mesa não permite que aquela seja discutida, passando-se imediatamente à sua votação; surge uma outra proposta para aprovação da acta pela própria Mesa dentro de três dias. Ainda uma curiosidade: a votação oral da proposta (sim/não) fica registada junto ao nome do sócio no livro de presenças.

Cabe perguntar aqui: implicação político-partidária? De quem?

Sentimo-nos perfeitamente à vontade quanto a este aspecto. Assumimos a nossa implicação política como o afirmamos e justificamos na A. G. (todo o acto é político), repudiamos qualquer acusação sobre implicação partidária, provamo-lo pela forma como temos agido. Quem viu as nossas realizações, pode julgar da nossa actuação.

Neste momento, Espinho é poluído de falsas razões, tentando justificar a decisão da A. G. da Académica. Gostaríamos que fossem escutadas por ouvidos críticos. Diremos mais, por ouvidos que fiquem à escuta: porque a voz destes 79 jovens continua a cantar a sua união e a sua força.

Joaquim Fidalgo  
José Fidalgo  
Paiva Pinto  
F. Valadas  
Sérgio Coelho  
Mário Bismarck  
Ana Teixeira  
Benjamim Gil  
Dalila Frias  
Joaquim Pinheiro  
Olívia Silva  
Fernando Marques  
Idalina Sousa  
Olga Veloso  
José Maia  
Margarida Azevedo  
Orlando Martins  
Loureiro da Silva  
Daniel Francisco  
Rosário Freitas  
Victor Milheiro  
Domingos Oliveira  
Rui Costa  
Estefânia Brandão  
José Ramos  
Paula Neves

Joaquim Silva  
José Lacerda  
Conceição Janeiro  
Manuel Cunha  
Jorge Cunha  
Luis Fernando  
Rui Matos  
José Rocha  
Márcio Cardoso  
João Barbosa  
Moreira da Costa  
Carolina Letra  
Lacerda Lopes  
Laura Gaio  
Filomena Domingues  
Câmara de Oliveira  
Arsénio Rocha  
José Oliveira  
António Capelo  
Palmira Silva  
Jorge Curral  
Fátima Janeiro  
Fausto Neves  
Conceição Ribeiro  
Armando Francisco  
Emília Gil

Isabel Marques  
Manuel Sá  
Fernanda Marques  
Rafael Tormenta  
Capitolina Oliveira  
M. Paiva  
Manuel Lopes  
Gisela Neves  
A. Pereira  
Paulo Salvador  
Morais Gaio  
Natália Brasileiro  
Adriano Cardoso  
Miguel Silva  
João Noronha  
Hermínia Oliveira  
José Silva  
Bercina Cardoso  
Manuela Mendonça  
Clara Pereira  
Rosa Feiteira  
Lucinda Oliveira  
Graça Silva  
João E. Santo  
Helena Letra  
Jorge Iglésias  
Isabel Paulino



## CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 23 de Maio de 1977, lavrada de folhas 130 a 131 verso do livro de notas para escrituras diversas D-Número 18, deste cartório notarial de Espinho, Joaquim Marques de Oliveira, casado, residente no lugar de Esmojães, freguesia de Anta, deste concelho, e Joaquim Alves de Oliveira, casado, residente no lugar de Carvalhal, da mesma freguesia de Anta, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «OLIVEIRA & OLIVEIRA, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento no lugar de Esmojães, freguesia de Anta, deste concelho, e a sua duração é por tempo indeterminado, a contar desta data.

Segundo — O seu objecto é o comércio e indústria de caixas de cartão, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 150.000\$00, e corresponde à soma de duas quotas iguais de 75.000\$00 cada uma, pertencentes uma a cada um dos sócios.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento do sócio não cedente.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo obrigatória a assinatura de ambos para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e sendo suficiente a assinatura de um deles nos actos de mero expediente.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Oitavo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sócio sobrevivente ou capaz e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

ESTA CONFORME  
O ORIGINAL

Espinho e Cartório Notarial, 25 de Maio de 1977.

O ajudante do Cartório,  
(José dos Santos Sil)

Maré Viva — N.º 48 — 9/6/77

## CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 de Maio de 1977, lavrada de folhas 129 verso a 131 verso do livro de notas para escrituras diversas E-Número 4, deste cartório notarial de Espinho, António Dias Seixas, separado judicialmente, residente nesta cidade de Espinho, na Rua Sessenta e dois, 37, e Fernando Manuel da Conceição Correia, casado, residente nesta cidade, na Rua vinte e dois, 272, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «A. SEIXAS, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Quinze, número 575, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, a partir desta data.

Segundo — O seu objecto é o comércio de mercearia e vinhos e artigos afins, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 200.000\$00, e corresponde à soma de duas quotas iguais de 100.000\$00 cada uma, pertencentes uma a cada um dos sócios.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos, depende do consentimento do sócio não cedente.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo obrigatória a assinatura de ambos para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e sendo suficiente a assinatura de um deles nos actos de mero expediente.

Parágrafo único — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Oitavo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sócio sobrevivente ou capaz e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

ESTA CONFORME  
O ORIGINAL

Espinho e cartório notarial, 24 de Maio de 1977.

O Ajudante do Cartório,  
(José dos Santos Sil)

Maré Viva — N.º 48 — 9/6/77

## FUTEBOL

## S. C. Espinho - Estrela Portalegre

Continuação da página 7

Grande enchente no Campo da Avenida. Nem outra coisa seria de esperar, dada a importância deste encontro da liguilla, onde cada jogo é uma final.

O Espinho começou o jogo como lhe competia. Ao ataque e com veracidade. E cedo se viu que a defesa alentejana não poderia resistir por muito tempo. Usando a marcação homem a homem, obrigando inclusive Malagueta a deambular por todo o campo para se escapar, sem resultado, a E. Santo, o Estrela viria a pagar caro a utilização abusiva deste sistema táctico. Pois foi precisamente pelo lado esquerdo, onde Malagueta, e portanto E. Santo, não estava, que os espinhenses criaram as maiores jogadas de perigo. E a aproveitar esta brecha no flanco direito da defesa portalegrense, será justo destacar o papel extraordinário de Raul, que rompeu frequentemente por aquela zona de terreno, a ponto de se dar ao luxo de marcar um excelente golo.

E foi assim quase toda primeira parte, com o Espinho a dominar totalmente as operações e a beneficiar, a partir do quarto de hora, da vantagem quase tranquilizante de dois golos, que veio a tirar um pouco de nervos ao frenesim inicial.

A segunda parte foi muito diferente. O Espinho abrandou, começou mesmo a usar de alguma

displacência, o que deu oportunidade ao Estrela de também jogar um bocadinho, sem justificar contudo a sua qualidade de pretendente à I Divisão.

O jogo amornou, depois do calor entusiástico da primeira parte. Calor competitivo, diga-se, pois nunca esteve em causa o desportivismo e correcção com que todos os jogadores se entregaram à luta. Cabe aqui fazer uma referência bastante positiva à forma agradável com que foi recebida a equipa alentejana pelo público espinhense, que assim não «respondeu» a uma certa campanha negativa que se gerara em torno dos portalegrenses.

Pois, como fomos dizendo, o jogo amornou. Equilibrou-se. Mais flagrantemente quando Malagueta fugiu ao seu «polícia» e atirou ao poste com o pé direito (o «cego»).

Um excelente jogo, enfim, em que todos os espinhenses merecem nota alta, com especial relevo para Pereirinha, pendular, Raul, de quem já falamos, Vaqueiro e João Carlos muito diligentes (Meireles pareceu acusar os nervos), Reis, o mais perigoso e Malagueta, pela maneira generosa com que procurou o jogo, apesar da marcação correcta, mas invulgarmente «chata» a que foi sujeito.

E agora venha a Cuf. Basta um empatezinho. Pelo menos...

## A subida do Paços de Brandão

Continuação da página 7

Leça, não pude aceitar. No entanto os directores do Leça deram o dito por não dito, aparecendo nessa altura um convite do Paços de Brandão. Vim cá, contactei com a direcção de quem gostei muito e aceitei. E não me enganei já que no decorrer da época fui muito bem tratado, são pessoas humildes, honestas, muito trabalhadoras.

Conseguir um segundo lugar numa zona recheada de equipas quase profissionalizadas, sendo o Paços de Brandão totalmente formado por amadores, não é tarefa fácil.

«Comecei o trabalho sabendo que a equipa estava descrente, já que na época anterior o Paços de Brandão safou-se da descida no último jogo e no último minuto, os atletas estavam portanto traumatizados, não correspondendo de entrada, não se fazendo sentir o meu trabalho psicológico, de mentalização do atleta. Os treinadores anteriores trabalhavam 2 vezes por semana e eu apesar de morar afastado, fazia quatro treinos por semana, vindo a reflectir-se na boa preparação física dos jogadores. Os últimos oito jogos, foram encarados como verdadeiras finais e qualquer atleta não aguentaria porque o sistema nervoso se reflectiria na sua massa muscular.

Neste momento quero prestar a minha homenagem a todos os atletas pela amizade que me dispensaram e pelo espírito de sacrifício demonstrado ao longo de

todo o campeonato. A nossa subida ao 2.º lugar foi conseguida porque formamos uma família unida, sendo uma das armas principais que a equipa esgrimiu em todo o campeonato».

E o futuro? Continuará Júlio Perêyra no Paços de Brandão?

«Já tenho vários convites, mas ainda não tenho nada decidido, porque até 31 de Julho eu sou do Paços de Brandão. Considero que a equipa precisa de reforços. Com todos os actuais e mais quatro ou cinco, poderá manter-se. Como ainda não há direcção, pois está dependente duma assembleia geral, nada se sabe.

Quanto a mim e à escolha desta carreira, considero-me satisfeito. Sou um homem do futebol desde os 12 anos, jogando na 1.ª divisão aos 17 anos, joguei no Clube, Uruguai e 4 anos no Brasil. Ganhei dinheiro suficiente para o sustento da família, mulher e quatro filhos e, se tivesse de voltar atrás era na mesma jogador e treinador, contando com a tarefa ingrata que temos, já que 80% das pessoas dizem perceber mais do que o próprio treinador. Tenho recebido convites do estrangeiro por exemplo ultimamente um do México, mas nunca aceitei sair de Portugal, vivo só para a minha família, vou do treino para casa, de casa para o treino. Gosto muito deste país, andei por muito lado me casei aqui».

MARÉ VIVA

É INDISPENSÁVEL



# DESPORTO

## FORA DE JOGO

### O futebol, os jogadores e os contratos

Agora que os campeonatos nacionais terminaram (e mesmo antes) os clubes entram na corrida dos contratos, a fim de verem as suas equipas reforçadas com elementos de valor com que possam contar na próxima época. Os cifrões, os contactos as desistências, os golpes de teatro, os boatos são frequentes nos bastidores do futebol-espectáculo.

E no meio disto tudo tem sido frequente ver-se um jogador, um profissional assinar contrato com mais de um clube. Foi Lito, foi Cardoso, é agora o guarda-espinhense Quim.

Emprestado aos «tigres» pelo F. C. Porto, Quim teria assinado pelo Marítimo do Funchal, que este ano acaba de ascender à I divisão. Agora ao que parece, perante melhores condi-

ções financeiras, assina novo contrato com o Braga, equipa também já envolvida nos referidos casos de Cardoso e Lito. O jovem guardião é portanto jogador, para já, de dois clubes! Um pé em Braga, outro na Madeira, uma defesa em voo nas ilhas, uma saída a pontapé no Minho. Outro caso de duplicidade, outra situação muito lamentável.

Não sabemos na realidade se a culpa é ou não de Quim, apenas que ele «defendeu» simultaneamente dois «remates», do Braga e do Marítimo. O Sindicato dos Jogadores de Futebol terá que intervir, para que situações como estas desapareçam, a F. P. F. terá uma palavra a dizer, as entidades responsáveis não podem quedar-se num cómodo mutismo.

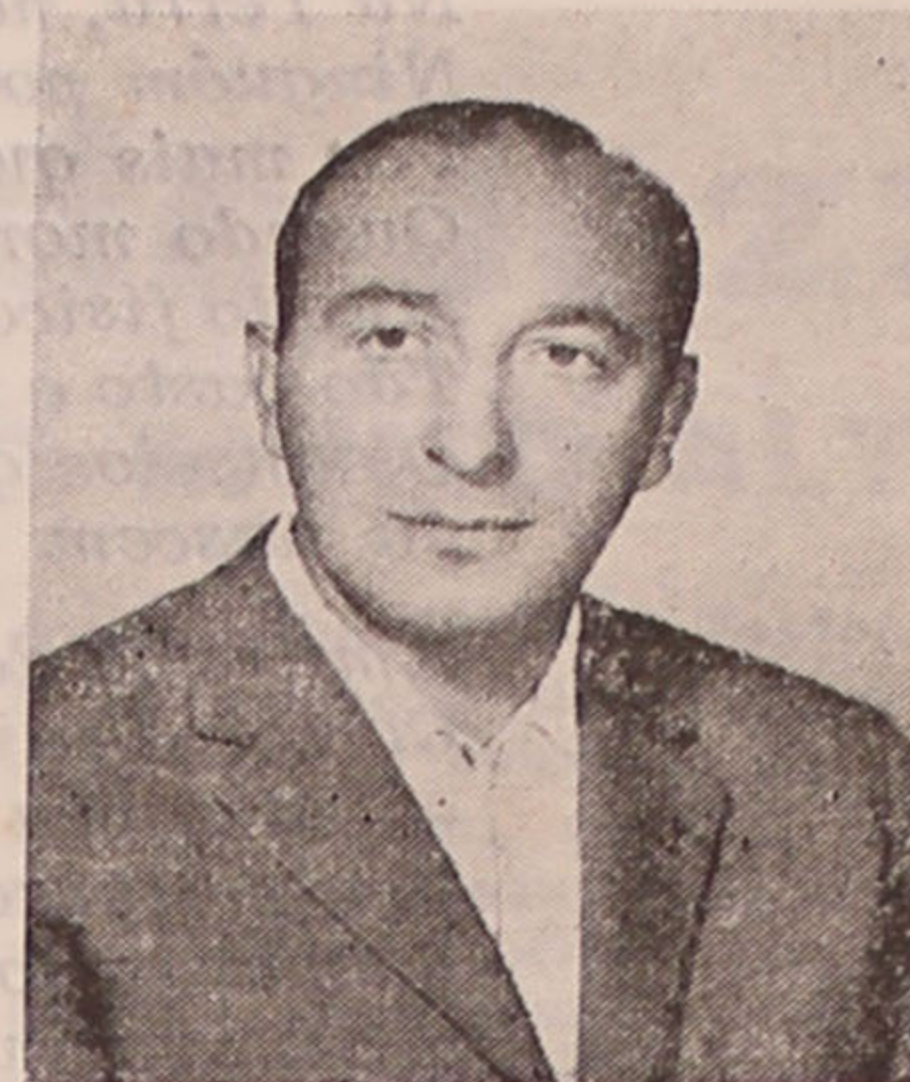
## A ENTREVISTA DA SEMANA

«A nossa subida deu-se porque formamos uma família unida»

### Júlio Pereyra, treinador do Paços de Brandão

O grupo de futebol do Paços de Brandão ascendeu à II Divisão Nacional após obter um precioso segundo lugar na série a que pertencia. Este cometimento provocou sem dúvida nenhuma um clima de euforia que invadiu toda a localidade, adeptos ou não do futebol. O Paços de Brandão sai assim dum plano mais esquecido do futebol nacional, para concorrer ombro a ombro com equipas de outro gabarito, na maioria profissionalizadas, possuidoras duma técnica futebolística muito mais apurada. Um dos grandes responsáveis por esta vitória é sem sombra de dúvidas o treinador argentino, Júlio Pereyra, homem há muitos anos ligado ao futebol português.

«Vim jogar futebol para Portugal por mero acaso. Jogava no Brasil, mas por prescrição médica, tinha que me mudar para climas mais frios. Por intermédio de Scopelli, que treinava o F. C. Porto, e que estava muito bem relacionado em Itália, fui contratado para o Roma. Contudo, estive quatro meses doente com uma rutua na virilha e cheguei três meses mais tarde do que o previsto. Faltavam três desafios para acabar o campeonato em Itália, e o Roma desinteressou-se. Scopelli conseguiu entretanto que o F. C. Porto me contratasse, fazendo por esta equipa vários jogos ao lado de Barrigana, Carvalho, Virgilio, Alfredo e Romão, mas acabei por sair, devido a conveniência financeira. Como tinha estudos (frequência do 5.º ano) fui secretário consular, podendo ficar em Portugal, acabando por me casar com uma portuguesa. Com 27 anos fui jogar para o Ovarense, como



treinador - jogador ainda que não quisesse ir nessas condições, e acabamos por ter êxito pois subimos à II Divisão. Após três anos no Ovarense passei para o Salgueiros que estava na I Divisão, apanhando-o somente com 2 pontos. Na segunda volta fizemos 16 pontos, mas não consegui evitar que a equipa descesse. Depois treinei muitos clubes. O Feirense, Covilhã, Avintes, Oliveirense, Leça (subiu à II Divisão), Portalegrense (subiu à II Divisão). Deu-se um caso curioso quando treinei o Leça, já que como morava em Perafita, treinei também o seu clube, e subi o Leça, subi o Perafita e fui campeão corporativo de futebol. Na última época treinei o Portalegrense e era coordenador do minifutebol, e no final do campeonato recebi convites do Ieça e do Rio Ave, com o último dos quais fiquei muito sensibilizado por foi feito pelo Vice-Presidente, um grande amigo meu, mas como já tinha dado a minha palavra ao

Continua na página 6

## FUTEBOL

### S. C. Espinho, 3 - Estrela Portalegre, 1

...e falta um ponto para a I Divisão

**S. C. ESPINHO** — Serrão I; Gomes, Pereirinha, Gonçalves e Raul (Pinto Ribeiro, aos 70 m); Meireles (Alemão, aos 79 m), João Carlos e Vaqueiro; Serrão II, Reis e Malagueta.

**ESTRELA** — Moutinho; Espírito Santo, Jaime, Figueiredo e Rodrigues; Alvaro, Adérito e Leitão (José Manuel aos 45 m); Gancho (Betinho aos 44 m) Louro e Prieto.

Árbitro, Santos Luís.

Ao intervalo, 4-0.

1-0 aos 14 m. Canto da direita por Malagueta e remate de cabeça de REIS.

2-0 aos 16 m. Bola lançada para a grande-área a que acorre Serrão II, juntamente com Espírito Santo. Este resolve atrasar de cabeça para o seu guarda-redes, que tinha saído e já não estava na baliza, para onde a bola se dirigiu vagarosamente.

3-0 aos 40 m. Canto do lado esquerdo, com RAUL a surgir, antecipando-se ao guarda-redes e a rematar para o golo de ângulo difícil.

4-0 aos 44 m. Grande penalidade convertida por REIS, a castigar falta nítida sobre Malagueta que foi agarrado quando podia fazer o golo.

5-0 aos 60 m. De novo REIS,

também de grande penalidade, e resultante de derrube ostensivo do guarda-redes Moutinho sobre Serrão II.

Continua na página 6

## Futebol de A a Z

**OBRIGADO!** - Quando um jogo acaba, devemos apertar a mão ao nosso adversário, assim como que a agradecer-lhe a sua colaboração indispensável para os belos momentos de confraternização que todos pudemos viver, a pretexto de uma bola que nos fez correr, saltar, lutar, conviver e criar laços de amizade. Obrigado, pois! Obrigado também ao camarada-árbitro, sem o qual o jogo não teria sido possível com um mínimo de coordenação!... Portanto, também para o amigo-árbitro, uma valente bacalhauzada...

...E só não vamos agradecer, um por um, ao público correcto que nos apoiou e nos estimulou porque dava uma trabalhadeira dos diabos... e o bacalhau está pela hora da morte.

Desenho de MARTINS

Texto de CARLOS PINHAO

OBRIGADO  
À  
MALTA  
TODA





## GAZETILHA

### Versos... e Subversos

Na Terra, no Mar, no Ar...  
Ninguém pode sair disto.  
Por mais que tente mudar,  
Quando morrer... morre nisto.  
Mundo físico do Homem,  
Tão vasto e tão limitado!  
Os anseios que o consomem,  
Já nascem de alor frustrado!

Em busca de bens terrenos,  
Como se atinje tal meta?!  
— Mas vâa a espaços serenos  
A alma pura do Poeta;  
Que asas do Espírito são  
Asas que levam ao Céu;  
Que livram o coração  
Do mal que a Vida lhe deu!

Mudando agora de tom,  
Sintonizem outra onda:  
Quem queira passar por bom,  
Jogue a pedra e a mão esconda!  
E se não encontra em si  
Os dons que o Espírito gera,  
Rasteje então por aqui,  
Desteça toda a quimera.

Fincando os pés bem no solo,  
Nem é preciso coragem  
Para a disputa do «bolo»  
Entre a bela «malandragem».  
E à bruxa vá! — Vale mais  
Espreitar a tempo o «furo»,  
Que ser «profeta» em jornais  
E asneiar sobre o Futuro!

Alberto Barbosa (Beka)

## Pelo Desarmamento, Pela Paz

### — Negociações em Viena

"Cada um de nós vive, neste momento, sentado num monte de 15 toneladas de explosivos. Entretanto, 15 gramas seriam já suficientes para matar uma pessoa".

Iniciou-se há várias semanas a 11.ª sessão das negociações de Viena para o desarmamento na Europa, que se desenrolam entre os países membros dos dois grandes pactos militares: o pacto de Varsóvia e a Nato.

Porém, os progressos não têm sido famosos, sobretudo por culpa do irrealismo e crescente militarismo das forças da Nato, nomeadamente a Alemanha Federal (país europeu mais forte dentro dessa organização, a que pertencem ainda outros países europeus, os EUA e o Canadá).

Os países socialistas têm apresentado propostas que, a serem aceites, levariam a uma diminuição em cerca de 17% das forças

militares de cada um dos estados interessados, incluindo uma redução nas armas nucleares. Através dessas medidas seria possível diminuir a confrontação entre os países membros dos dois tratados e tornar a paz mais estável na Europa Central.

Mas estas propostas concretas não tiveram grande aceitação. A Nato parece apenas interessada em assegurar a sua supremacia militar, para o que muito lhe convém a crescente campanha dos meios de informação capitalistas que referem constantemente a "ameaça" dos países socialistas, não hesitando para isso em transmitir falsas informações quanto ao poderio das forças armadas dos países membros do pacto de Varsóvia. Basta dizer que um importante jornal alemão federal tem publicado números sobre uma pretensa multiplicação dos tanques de guerra nas forças armadas soviéticas, de tal forma exa-

## O CENTRO DE ESTUDOS DA COOPERATIVA NASCENTE

A "Nascente" é uma cooperativa de acção cultural.

A questão que se põe: que é a cultura? Que tipo de cultura é a acção cultural da cooperativa "Nascente"?

Há uma cultura só. É evidente.

Mas também é evidente que as deturpações da cultura levam a que haja várias "culturas".

Vamos ver: a cultura autêntica é aquela que assenta no Povo, nos acontecimentos diários que fazem esse Povo, nas suas tradições e costumes, na sua História, na sua língua, na sua dialéctica.

É a cultura popular.

Das outras formas de "cultura" a esmagadora maioria está desligada do Povo, das suas realidades e problemas.

A estas costuma chamar-se KULTURA (assim mesmo, com um K no princípio). E porquê?

A letra K é uma letra que não pertence ao nosso alfabeto. Não pertence à linguagem do nosso Povo. Kultura (com K) traduz precisamente isso: não é cultura, ou seja, não está ao serviço do Povo, antes se serve dele para os seus desígnios sofisticados, postiços, que conduzem ao embrutecimento, às classes sociais diferentes, à elite, aos fascismos e às sociais - democracias.

A cooperativa "Nascente" tem obrigatoriamente que escolher a Cultura e não a Kultura. Porque é cooperativa, porque os seus associados são Povo.

As actividades culturais da "Nascente" são conhecidas. Pelo cinema, pelo teatro, pelas exposições, pelo jornal, pelos debates, pelo ensino aos trabalhadores.

O "Centro de Estudos" não é um estabelecimento de ensino tradicional, caduco, alienante e mecanizado. Nem poderá sê-lo nunca!

O "Centro de Estudos" tem que ser liberdade de ensino, tem que ser a maneira correcta de ver a educação, a cultura em geral, a valorização colectiva daqueles que o constituem.

Um exemplo: o estudo da vida e da obra de António Aleixo, o poeta do Povo. Estudo esse que conduzirá a conclusões (necessariamente) importantes. Conclusões essas que irão ser publicadas em breve.

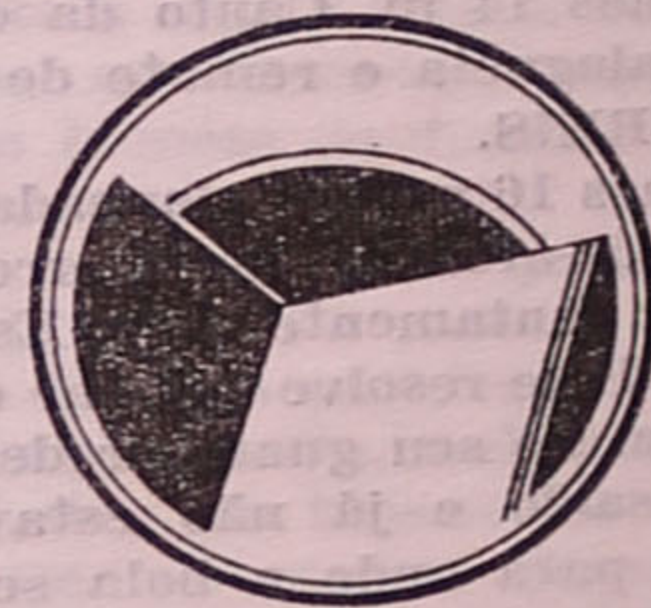
O "Centro de Estudos" pode ser isso. Deve ser isso. Ainda o não é totalmente. Muito mais há a fazer. Há sempre muito mais a fazer. A cooperativa "Nascente", todos os seus associados, têm uma palavra a dizer, pelo direito ao ensino e sua democratização, pela cultura popular, pela valorização das classes trabalhadoras.

gerados, que nem sequer seria possível construir tantos tanques no espaço de tempo que o jornal indica.

Este tipo de propaganda tem por objectivo justificar a corrida ao armamento por parte dos países da Nato e, ao mesmo tempo, dificultar qualquer possibilidade de se chegar a um acordo nas presentes negociações de Viena. Por outro lado, esta campanha, se a enquadrarmos nesta época

Continua na página 3

## A NASCENTE



### É INDISPENSÁVEL



PORTE  
PAGO

Ilidio Martins da Silva  
R: 33 -Bº Moderno-Espinho